

SALA POSTE-ITE

Edifício Artes em Partes
Rua Miguel Bombarda, 457 – 3ªA · 4050 PORTO
galpo@mail.telepac.pt | marina_costa@netc.pt
(+351) 918 494 794

MÓNICA LIMA GOMES

E A ELIPSE RECOMEÇA ASSIM

INAUGURAÇÃO SÁBADO 17 JAN 16H

ATÉ 28 FEV 2009

TERÇA – SÁBADO . 15H – 20H

O COLAPSO DA SALA DE CINEMA (ESTUDOS PARA NARRATIVAS COSMOLÓGICAS) 16mm transferido para DV Pal, cor, som estéreo, 5'43''

O colapso da sala de cinema (Estudos para narrativas cosmológicas) trata-se de um filme enquanto experiência (e não de um filme experimental), no sentido em que é um ensaio. Escrito e desenhado para a sala de cinema, é aqui apresentado numa reedição e adaptação para a exposição “E a elipse recomeça assim”.

Estás aí tu como uma aparição, és a cabeça destes braços, sentes?, é a pergunta que lança esta experiência narrativa imersiva, de tempo e espaço, anunciando desde a primeira frase o ponto de identificação entre o sujeito cinematográfico e o espectador. A voz dirige, e a partir dela geram-se movimentos e fluxos de entrada e saída do espaço (a sala), e de entrada e saída da imagem. A voz dá corpo ao texto e é o motor da experiência de imersão, conduzida a partir da fisicalidade (corpo, visão) do espectador e da sala.

O filme circula em elipses temporariais, numa sucessão de contracções e expansões cósmicas e Históricas. O espaço (a sala) é o palco da experiência e coincide com a totalidade do cosmos; o “evento” dá-se no entrelaçamento do lugar cosmológico e cinematográfico, do individual e o colectivo.

A imagem como mapa sem coordenadas, proporciona a plataforma de viagem ao comando da cadência mecânica da voz. A imagem articula-se com o texto no sentido mais específico em que nega, pelo seu despojamento, ser o veículo central da narrativa, abrindo-se antes como campo de possibilidades. O texto e a imagem relacionam-se por aparente fricção ou pelo menos como abertura (rasgada) para o espaço mental. A complementaridade entre texto e imagem colocam o espectador como catalizador e veículo de possibilidade desses movimentos divergentes entre imagem e texto.

O desenho funciona como um palimpsesto, no sentido em que cada linha surge do resíduo da linha ou do recorte do gesto anterior. Há o tempo global da acção impresso em sucessão na película, e cada “take” repete a mesma acção. Mas ainda que a memória da acção perdure, o gesto que a reinicia é outro, criando nas micro variações as possibilidades de outros futuros.

É nessa novidade que persiste a aparente repetição, que o espectador se vê, ao fim, contemplando as possibilidades de representação a partir da imagem branca. É no momento em que essa linha recorrentemente se desfaz e refaz pelas mãos do desenhador/espectador que sentimos que o gesto é simultaneamente informado do anterior e livre.

MLG